

MARTÍN
AYOS

DEJANDO
SANTOS
DUMONT



colección
Pippa Passes

buenosaires
poetry

Ayos, Martín
Dejando Santos Dumont,
Buenos Aires Poetry, 2018.
74p. ; 20x13 cm.
ISBN 978-987-4197-11-5
1. Poesía Argentina.

©Textos: Martín Ayos.
© Música: Guillermo Ayos 2018.
<https://www.youtube.com/watch?v=FQmUnd0Ldxg>
© Ilustraciones p.13; p.72: Santiago Cucullu.
© Traducción al portugués: Ana Marcela França.
Reservados todos los derechos. Primera edición.

Editorial ©Buenos Aires Poetry.
Colección ©Pippa Passes dirigida por Juan Arabia.
Diseño de portada e interiores: ©Camila Evia.



editorial@buenosairespoetry.com
www.buenosairespoetry.com



**MARTÍN
AYOS**

**DUMONT
DE JANDO
SANTOS**



M A R T Í N A Y O S



D e j a n d o /

D e i x a n d o

S a n t o s D u m o n t

Prólogo

En estos tiempos donde la nada se convirtió en un “objeto” desecharable, resto que cae de una desilusión, enunciado en un margen que aterra.

¿Qué queda?

Decir NADA es una blasfemia inaudita.

Decir un viaje al más candoroso y helado destierro podría ser la respuesta más acertada pero nunca aceptada.

Empujarse a la lectura de un diario de viajero produce desconcierto.

¿Viaje hacia dónde?

Queda invalidada está pregunta.

¿Con quién?

Con un otro. Con lo Otro que circula sobre un mismo punto. Con lo Otro que se lanza para nunca ser atrapado, pero vuelve enmascarado con millares de rostros. Réplica de ese amor furtivo, huidizo e infranqueable.

Desnudando el sentido que pierde rastro (por suerte), enunciado de un lenguaje que inutiliza la forma más absurda de comunicación para que lo Otro asome, un poco tímido, un poco tenso; sobre el horizonte del des-encuen-

tro fundamental. El viaje Ayos apela a la síntesis descarnada de toda espera. Amurallado por fragmentos que no conocen unidad.

Sólo devenir de rasguños. Realizando un desembarco en tierras habitadas por palabras carentes de espejos.

En el viaje Ayos la secuencia de puntos no inaugura una recta. Es un des-hacer agudo a toda certeza.

Un viaje que regresa a su punto de parición. Donde la nada recibe a brazo mutilado y sólo queda el empuje de la intención. El deseo trasnochado de extraer cada partícula de abismo. El otro y el Otro naufragando soles, despertares; que no llegarán nunca a iluminar el destierro.

-LUIS ALBERTO ZAVATTO

Prólogo

Nesses tempos onde o nada se converteu em um “objeto” descartável, resto que cai de uma desilusão, enunciado em uma margem que aterra.

O que fica?

Dizer NADA é uma blasfêmia inaudita. Dizer uma viagem ao mais cônscido e gelado desterro poderia ser a resposta mais acertada mas nunca aceitada.

Empurrar-se à leitura de um diário de viajante produz desconcerto.

Viagem para onde?

Fica invalidada esta pergunta. Com quem? Com um outro. Com o Outro que circula sobre um mesmo ponto. Com o Outro que se lança para nunca ser aprisionado, mas volta mascarado com milhares de rostos. Réplica desse amor furtivo, fugidio e insuperável.

Despindo o sentido que perde rastro (por sorte), enunciado de uma linguagem que inutiliza a forma mais absurda de comunicação para que o Outro assome, um pouco tímido, um pouco tenso; sobre o horizonte do des-encontro fundamental. A viagem Ayos apela para a síntese descarna-

da de toda espera. Emparedado por fragmentos que não conhecem unidade. Só devir de arranhões. Realizando um desembarque em terras habitadas por palavras carentes de espelhos.

Na viagem Ayos a sequência de pontos não inaugura uma reta. É um desfazer agudo a toda certeza. Uma viagem que regressa ao seu ponto de aparição. Onde o nada recebe a braço mutilado e só fica o empurro da intenção. O desejo transnoitado de extrair cada partícula de abismo. O outro e o Outro naufragando sóis, despertares; que não chegarão nunca a iluminar o desterro.

-LUIS ALBERTO ZAVATTO

personal
person
"this is only



the right club
play

O deslocamento do viajante em sua própria vivência. A experiência do mundo é íntima e a dois. Um antes e um depois dessa aventura que, mais que deslocar-se em espaços, se confunde nos tempos. Um presente em memória, um passado agora. A viagem tem mil facetas e uma delas é a vivência do si mesmo (s), do outro (s), de nós, de um, de vários; do encontro, da impossibilidade, do deixar-se fluir pelo nada.

—Ana Marcela França

Assim minha vida é uma fuga e tudo perco e tudo é do esquecimento, ou do outro.

—J.L. Borges

El desplazamiento del viajero por su propia vivencia. La experiencia del mundo es íntima y de a dos. Un antes y un después de esa aventura que, más que desplazarse en espacios, se confunde en los tiempos. Un presente en la memoria, un pasado ahora. El viaje tiene mil facetas y una de ellas es la vivencia del sí mismo (s), del otro (s), de nosotros, de uno, de varios; del encuentro, de la imposibilidad, del dejarse fluir por la nada.

—Ana Marcela França

Así mi vida es una fuga y todo lo pierdo y todo es del olvido, o del otro.

—J.L. Borges

\approx

[16]

\approx

Esqueci tudo para ser fiel ao impossível; a esta proximidade, que resguardamos do demasiado próximo.

Olvidé todo para ser fiel a lo imposible; a esta proximidad, que resguardamos de lo demasiado próximo.



Aquilo que chama sem dizer, que seduz, é sempre uma despedida, uma distância; jamais a mais remota possibilidade do Uno.



Aquello que llama sin decir, que seduce, es siempre una despedida, una distancia; jamás la más remota posibilidad de lo Uno.

Nunca estás no que escrevo; senão no que falta, aquilo por escrever: nunca um futuro possível; senão um porvir que ignoro.

Fecho os olhos e seu olhar é o mundo que não vi, a palavra despojada, a nudez da fala. .

Este sou eu, esta és tu: sozinhos, pequenos, abaiixo dos poros do céu; como qualquer outro ser, como nenhum.

Nunca estás en lo que escribo, sino en lo que falta, aquello por escribir: nunca un futuro posible, sino un porvenir que ignoro.

Cierro los ojos y tu mirada es el mundo que no he visto, la palabra despojada, la desnudez del habla.

Este soy yo, esta eres tú: solos, pequeños, bajo los poros del cielo; como cualquier otro ser, como ninguno.

Ainda que existisse um fim, dito ou não dito, certo ou suposto, o desconhecido, o ainda por dizer, sempre, te salvaria a tempo.



Por quê?, sem porque, sem porquê.

Te amo aí onde ocorre a minha mais absoluta perplexidade.

Aunque existiera un fin, dicho o no dicho, certero o supuesto, lo desconocido, lo todavía por decir, siempre, te salvaría a tiempo.



¿Por qué?, sin porque, sin porqué.

Te amo allí donde ocurre mi más absoluta perplejidad.

O Outro, sempre negado, entregue à ilusão de ser eu; mas à espreita e perigoso sempre que, tentando assimilalo, o exclua.

Lhe damos o nome que demos ao Outro, ainda ficcionando seu rosto, seu caráter; em sua impassibilidade e sua insistência, sempre será a instância que nos transforma.

Digo à metade, gaguejando.

■

Lo Otro, siempre negado, entregado a la ilusión de ser yo; pero acechante y peligroso siempre que, intentando asimilarlo, se lo excluya.

Démosle el nombre que le demos a lo Otro, aún ficcionando su rostro, su carácter; en su impasibilidad y su insistencia, siempre será la instancia que nos transforma.

Digo a medias, tartamudeo.

Enquanto isso, crer naquilo que não sei; agarrar-me ao desconhecido. Sem fazer-me nenhuma imagem, sem afoga-lo ou retê-lo mais que em seu profundo mistério. Depois de tudo, o que seria conhecer o amor, senão falsear o impossível, ter a ilusão de que é possível destruir o limite, a membrana que nos une e separa?

O irremediável que nos separa, o irremediável que nos une: o amor, a distância.

O rasgar do invocável: o que não chega, o que se aguarda, o que destrói, o que se repete.

Sonho uma viagem até você no que tudo colapsa, tudo (re) nasce.

Mientras tanto, creer en aquello que no sé, aferrarme a lo desconocido. Sin hacerme ninguna imagen, sin ahogarlo o retenerlo más que en su profundo misterio. Después de todo, ¿qué sería “conocer” el amor, sino falsear lo imposible, tener la ilusión de que es posible destruir el límite, la membrana que nos une y aparta?

Lo irremediable que nos separa, lo irremediable que nos une: el amor, la distancia.

El desgarramiento de lo inevitable; lo que no llega, lo que se aguarda, lo que destruye, lo que se repite.

Sueño un viaje hacia ti en el que todo colapsa, todo (re) nace.

O poema, a ferida sempre aberta.



El poema, la herida siempre abierta.



As duas faces do amor pareciam ser um só e único reverso. E, mesmo assim, em sua mais absoluta beleza e em sua mais descarnada crueldade, nenhuma está oculta, nenhuma esconde nada.

Sei que não sou eu quando amo, senão aquilo que desconheço e que, mesmo assim, está em todos meus eus, sem esgotar-se, sem estar de todo. Aquilo que, sempre indo, irrompe, o que de mim é e não é.

Tentar conhecer a mim mesmo é, desde todo ponto de vista, uma ilusão, uma tarefa em vão.

Las dos caras del amor parecieran ser un solo y único reverso. Y, sin embargo, en su más absoluta belleza y en su más descarnada crueldad, ninguna está oculta, ninguna esconde nada.

Sé que no soy yo cuando amo, sino aquello que desconozco y que, sin embargo, está en todos mis yoes, sin agotarse, sin estar del todo. Aquello que, siempre yéndose, irrumpre, lo que de mí es y no es.

Intentar conocerme a mí mismo es, desde todo punto de vista, una ilusión, una tarea en vano.

O horror não é o vazio, senão o cheio no vazio: o complexo, o minúsculo, o insistente, o indizível...o que não se pode calar, a custa de dizer tudo, de não lhe dar nenhum nome.

Uns moinhos, uma miragem. Um território habitável, enquanto se recorra sem deter-se, sem estancar-se; como se fugisse enquanto se é o território, enquanto não se é. Amar, enlouquecer. A plenitude, a fuga do pleno.

El horror no es el vacío, sino lo lleno en el vacío: lo complejo, lo minúsculo, lo insistente, lo indecible... lo que no se puede callar, a costa de decirlo todo, de no darle ningún nombre.

Unos molinos, un espejismo. Un territorio habitable, en tanto se recorra sin detenerse, sin estancarse; como si se huyera mientras se es el territorio, mientras no se es. Amar, enloquecer. La plenitud, la huida de lo pleno.

Quisera olhar-te, não com o olhar de um outro, senão com aquele que vê em ti o que nem tu nem eu somos quando não somos: o pequeno, o germinal, o complexo. Quisera arrasar- me, ter um nome que seja um dobrar de tudo o que ferve; um nome episódico, como uma rebelião; um nome que não seja eu, senão um modo em que sua língua pronuncie a noite, seus lábios acariciem o escuro.

Re-começo: a máquina que mata, a máquina que engendra.

Como é que podes sem poder? Não diga. Somente fale, para que as palavras não nos separem.

Quisiera mirarte, no con la mirada de un otro, sino con aquella que ve en ti lo que ni tú ni yo somos cuando no somos: lo pequeño, lo germinal, lo complejo. Quisiera arrasarme, tener un nombre que sea un doblez de todo lo que bulle, un nombre episódico, como una rebelión; un nombre que no sea yo, sino un modo en que tu lengua pronuncie la noche, tus labios acaricien lo oscuro.

Re-cominenzo: la máquina que mata, la máquina que engendra.

¿Cómo es que puedes sin poder? No digas. Sólo habla, para que las palabras no nos separen.

Ah, a ausência, o demasiado cheio! Prefiro o vazio entra
as folhas, o que não aguarda, o que não está. E, apesar
disso, o que me volta para você, muito menos eu, muito
menos mundo.



Seu nome, já não seu nome, senão esse murmúrio entra as
coisas que não designa isto nem aquilo. A pergunta sempre
aberta, sem outra resposta que a pergunta. O que já se foi,
o que virá, sem esgotar-se nunca no que é: mais aqui que
aqui e mais agora que agora e, ainda assim, nunca presente.

¡Ah, la ausencia, lo demasiado lleno! Prefiero el vacío entre las hojas, lo que no aguarda, lo que no está. Y, a pesar de ello, lo que me vuelve hacia ti, mucho menos yo, mucho menos mundo.



Tu nombre, ya no tu nombre, sino ese murmullo entre las cosas que no designa esto ni aquello, la pregunta siempre abierta, sin otra respuesta que la pregunta. Lo que ya se fue, lo que vendrá, sin agotarse nunca en lo que es: más aquí que aquí y más ahora que ahora y sin embargo nunca presente.

O amor, este amor, nunca de todo algo, nunca de todo quem. Este amor incompreensível, comunicabilidade incomunicável, traço imperceptível do Outro. Este amor, que teu olhar irradia, que tuas mãos desenham, que teu corpo encarna. Este amor, que as vezes vivo, que as vezes sonho, que é meu universo e meu vazio.

! Amar, sem rastro, sem horizonte. Avançar, retroceder, até que as pegadas apontem para um não lugar. Devir.

El amor, este amor, nunca del todo algo, nunca del todo quién. Este amor incomprensible, comunicabilidad incomunicable, trazo imperceptible de lo Otro. Este amor, que tu mirada irradia, que tus manos dibujan, que tu cuerpo encarna. Este amor, que a veces vivo, que a veces sueño, que es mi universo y mi vacío.

Amar, sin rastro, sin horizonte. Avanzar, retroceder, hasta que las huellas apunten hacia un no-lugar. Devenir.

Nenhum símbolo, nenhum sinal. Acaso, um sinal imperceptível em seu rosto, um movimento microscópico na comissura de seus lábios. As vezes, uma lágrima. Quiça, um signo de interrogação. Um ponto. É de noite. Afora, chove.

Amar: (re) fazer o impossível.



Ningún símbolo, ninguna señal. Acaso, una seña imperceptible en tu rostro, un movimiento microscópico en la comisura de tus labios. A veces, un lágrima. Quizás, un signo de interrogación. Un punto. Es de noche. Afuera, llueve.

Amar: (re) hacer lo imposible.



Meu corpo é uma ferida, o mapa de uma fuga. Meu corpo é esta memória que abandona e retém algo que lhe é próprio, mas não comprehende. Meu corpo é um laço com um infinito que és, com eones de distância, com repetições que nos fazem outros. Meu corpo, teu corpo, são o vazio do presente, uma involução ao primogênito, uma sílaba muda nos lábios da noite, uma melodia que a musa canta a vez que cala. Meu corpo é esta eterna despedida de teu corpo que empreende, sempre, uma viagem que te retoma fugindo.

Mi cuerpo es una herida, el mapa de una fuga. Mi cuerpo es esta memoria que abandona y retiene algo que le es propio, pero incomprensible. Mi cuerpo es un lazo con un infinito que eres, con eones de distancia, con repeticiones que nos hacen otros. Mi cuerpo, tu cuerpo, son el vacío del presente, una involución a lo primigenio, una sílaba muda en los labios de la noche, una melodía que la musa canta a la vez que calla. Mi cuerpo es esta eterna despedida de tu cuerpo que emprende, siempre, un viaje que te retoma huyendo .

A impassibilidade das coisas, seu desapego frente à morte, nossa pequenez frente ao Outro; mas também, uma aterradora familiaridade com o inumano, com aquilo que somos onde não somos.

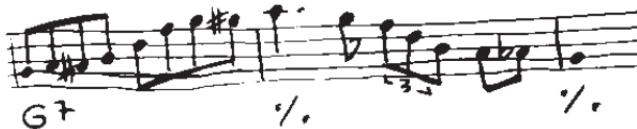


Escrever sobre o vazio para desandar o escrito (ao vazio).

La impasibilidad de las cosas, su desapego frente a la muerte, nuestra pequeñez frente a lo Otro; pero también, una aterradora familiaridad con lo inhumano, con aquello que somos donde no somos.



Escribir sobre el vacío para desandar lo escrito (hacia el vacío).



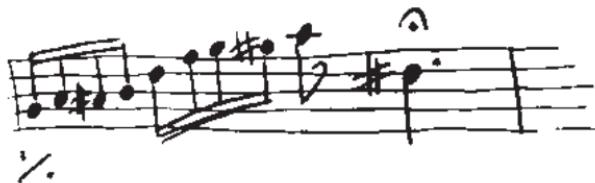
Partir de mim, de ti. Desterrar-se. Morrer de alguma maneira; morrer de todas as formas possíveis e impossíveis. Voltar a nascer infinitamente. Fazer com que as palavras passem, livres, indiferentes a si mesmas, por todas as fissuras da linguagem. Liberar as coisas das generalidades do espírito. Apreender tudo em sua singularidade, em sua imediatez. Sonhar as imagens fora de toda representação, captá-las em sua plasticidade (as imagens não falam, as imagens não dizem) [no necessita eso...]. Fechar os olhos, quiçá, ou mantê-los abertos, para furar o interior para fora; do vazio interior ao interior do vazio. Ser um abismo no abismo. Devolver toda a sensualidade ao olfato, ao tato ao gosto. Ouvir vozes que não dizem nada, que cantam de um modo animal ou inumano. Esperar a noite no meio da noite, vive-la em plena presença do dia. Desconfiar de qualquer plenitude que não tenha como base o incompleto. Voltar para você, voltar para mim, como alguém que está, mas se foi.



Partir de mí, de ti. Desterrarse. Morir de alguna manera; morir de todas las formas posibles e imposibles. Volver a nacer infinitamente. Hacer que las palabras pasen, libres, ajena s a sí mismas, por todas las grietas del lenguaje. Liberar a las cosas de las generalidades del espíritu. Aprehender todo en su singularidad, en su immediatez. Soñar las imágenes fuera de toda representación, captarlas en su plasticidad (las imágenes no hablan, las imágenes no dicen). Cerrar los ojos, quizás, o mantenerlos abiertos, para agujerear el interior hacia afuera; del vacío interior al interior del vacío. Ser un abismo en el abismo. Devolver toda la sensualidad al olfato, al tacto al gusto. Oír voces que no dicen nada, que cantan de un modo animal o inhumano. Esperar la noche en medio de la noche, vivirla en plena presencia del día. Desconfiar de cualquier plenitud que no tenga como base lo incompleto. Volver hacia ti, volver hacia mí, como alguien que está, pero se ha ido.

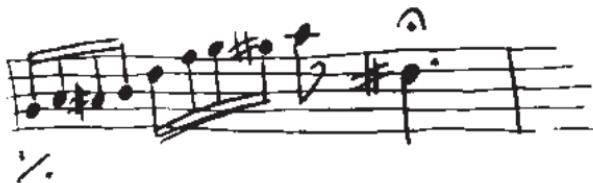
Os espaços vazios no desenho de uma dança. Os interstícios necessários em qualquer escritura. O recordo sempre inexato de um sonho. Os silêncios em uma melodia. As pausas inexpressivas na fala. Uma pegada em algum lugar. Uma pegada perdida, sem outras pegadas que a acompanhem; sem continuidade dentro ou fora do caminho, sem o que nem quem. Uma só pegada. Um furo. Um signo nu.

Partir para decolar, uma e outra vez, a um não-lugar; a esse ponto já deslocado antes e depois da partida.



Los espacios vacíos en el dibujo de una danza. Los insterticios necesarios en cualquier escritura. El recuerdo siempre inexacto de un sueño. Los silencios en una melodía. Las pausas inexpresivas en el habla. Una huella en algún sitio. Una huella perdida, sin otras huellas que la acompañen; sin continuidad dentro o fuera del camino, sin qué ni quién. Una sola huella. Un agujero. Un signo desnudo

Partir para arribar, una y otra, vez a un no-lugar; a ese punto ya desplazado antes y después de la partida.





Donde era yo hay una huida Un golpe de infinito
Un naufragio en un naufragio
Donde soy
Cada asalto de amor
Es una otredad que no cesa Un devenir
y a fuerza de disruptión
Un agujero en la noche
Y la noche en carne viva .



Donde era yo hay una huida Un golpe de infinito
Un naufragio en un naufragio
Donde soy
Cada asalto de amor
Es una otredad que no cesa Un devenir
y a fuerza de disrupción
Un agujero en la noche
Y la noche en carne viva .

Tão somente um hiato
Uma fenda
Para chegar ao coração de tua galáxia
Aos deuses de teu hálito
Ao infinito que te dá forma
A tudo o que devia ocorrer
para que tu mesma
sejas tu mesma.

Tan sólo un hiato
Una hendidura
Para llegar al corazón de tu galaxia
A los dioses de tu aliento
Al infinito que te da forma
A todo lo que ha debido pasar
para que tú misma
seas tú misma.

Não espero o pleno

nada

a nada

espero

o que se subtrai à espera
os ocos nos ocos abertos
à espera de outras esperas
sem nostalgias
sem anseio
à espera escura
complexa
êxodo e deserto.

como fugir o que foge?

No espero lo pleno

nada

la nada

espero

lo que se sustrae a la espera

los huecos en los huecos abiertos

la espera de otras esperas

sin nostalgia

sin anhelo

la espera oscura

compleja

éxodo y desierto

¿cómo huir lo que huye?

Chove, entre os ramos como mãos
entre os lábios da noite
entre os pássaros que não existem
entre as asas da lua
entre tudo o que dorme
entre a aura dos ossos e a aura das pedras
entre as palavras transparentes
entre todo o invisível....

Chove
e entre tudo há um vazio
Um vórtice
uma fissura
um voo sobre um abismo
um mapa do teu corpo
um infinito do que teus olhos voltam.

llueve,
entre las ramas como manos
entre los labios de la noche
entre los pájaros que no existen
entre las alas de la luna
entre todo lo que duerme
entre el aura de los huesos y el aura de las piedras
entre las palabras transparentes
entre todo lo invisible...

llueve
y entre todo hay un vacío
un vértice
una grieta
un vuelo sobre un abismo
un mapa de tu cuerpo
un infinito del que tus ojos vuelven.

O impossível em teus olhos
A linguagem esmeraldina dos seres sem fala
O rapto das sereias para a noite de todos os
monstros
Os signos jogados em uma costa dissolvida
Um abismo no coração do abismo
Que se contrai e se dilata
Com os lábios de tua boca
Com a boca de tuas pernas
A intensidade que interroga
Pelo momento em que nada existe.

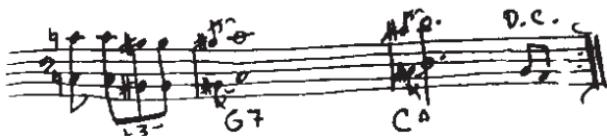
Lo imposible en tus ojos
El lenguaje esmeraldino de los seres sin habla
El rapto de las sirenas hacia la noche de todos los
monstruos
Los signos arrojados a una orilla disuelta
Un abismo en el corazón del abismo
Que se contrae y se dilata
Con los labios de tu boca
Con la boca de tus piernas
La intensidad que interroga
Por el momento en el que nada existe.

Despertei solo,
com a boca ainda cheia de noite,
com a imagem de uma selva incessante,
de uma desmesura que me atravessava o corpo;
me perguntando, como todos:
quem era eu?
Que teria sido do mundo?
Acaso, jamais se tratou de ser Uno;
senão de subtrair-se,
reduzir-se a zero,
espalhar-se sempre,
para sempre,
de modo irremediável e infinito.

Desperté solo,
con la boca todavía llena de noche,
con la imagen de una selva incesante,
de una desmesura que me atravesaba el cuerpo;
preguntándome, como todos:
¿quién era yo?
¿qué habría sido del mundo?
Acaso, jamás se trató de ser Uno;
sino de sustraerse,
restarse a cero,
desplegarse siempre,
para siempre,
de modo irremediable e infinito.

\approx

\approx

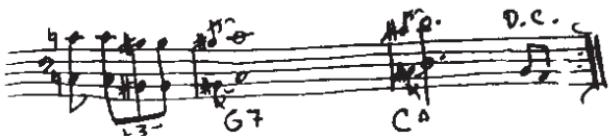


Balbuciar o impossível.

ad lib.

Dm B+ C^Δ A⁺

G⁷ / . / .



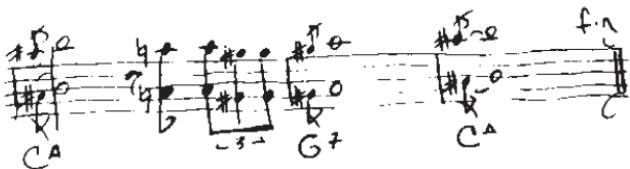
Balbucear lo imposible.

A handwritten musical score on five-line staff paper. The top staff features a melodic line with various note heads and rests, accompanied by harmonic chords labeled 'Dm', 'B+', 'CΔ', and 'A+'. Above this melodic line, the instruction 'ad lib.' is written. The bottom staff shows a rhythmic pattern with a dynamic marking 'f' at the beginning. Chords labeled 'G7' and 'CΔ' appear under the notes. The section ends with a repeat sign and the instruction 'v.'

- 1** O impossível é o outro em nós.
- 2** O impossível exclui toda espera; é puro desenlace, deslocamento.
- 3** O impossível não guarda nenhuma relação com o possível. Não depende deste último. Não é a sua negação nem seu aperfeiçoamento. Los une uma espécie de homofonia; quer dizer, um mal entendido que também é uma abertura.
- 4** O impossível é a fissura, ali onde não pode ser significada.
- 5** O possível não pode determinar o impossível; mas o impossível pode habitar, transformar ou destruir o possível.
- 6** O impossível é a irrupção do outro como alteridade; o Outro que a nosso pesar nos excede.
- 7** O impossível é o inevitável no sentido estritamente fortuito.
- 8** O impossível sou eu, es tu; quando disser eu, dizer tu, já não guarda nenhuma relação comigo ou contigo.
- 9** O impossível é sempre coletivo, como agenciamento; e da ordem do desejo, como produção. 1 0.-O impossível é sempre imanente.
- 11** O impossível não é eterno nem efêmero; é incessante.
- 12** O impossível é estritamente relacional.
- 13** O impossível não tem nada a ver com a mediação ou o imediato. É neutro.
- 14** O impossível é pequeno, imperceptível; o mais desapercebido dos acontecimentos.

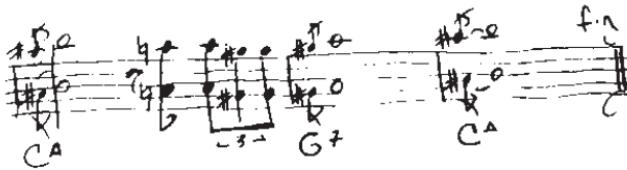
- 1** Lo imposible es el otro en nosotros.
- 2** Lo imposible excluye toda espera; es puro desenlace, desplazamiento.
- 3** Lo imposible no guarda ninguna relación con lo posible; no depende de este último: no es su negación ni su perfeccionamiento. Cuanto mucho, los une una especie de homofonía; es decir, un malentendido que también es una apertura.
- 4** Lo imposible es la grieta, allí donde no puede ser significada.
- 5** Lo posible no puede determinar lo imposible; pero lo imposible puede habitar, transformar o destruir lo posible.
- 6** Lo imposible es la irrupción del otro como otredad; lo Otro que a nuestro pesar nos desborda.
- 7** Lo imposible es lo inevitable en sentido estrictamente fortuito.
- 8** Lo imposible soy yo, eres tú; cuando decir yo, decir tú, ya no guarda ninguna relación conmigo o contigo.
- 9** Lo imposible es siempre colectivo, como agenciamiento; y del orden del deseo, como producción.
- 10** Lo imposible es siempre inmanente.
- 11** Lo imposible no es eterno ni efímero; es incessante.
- 12** Lo imposible es estrictamente relacional.
- 13** Lo imposible nada tiene que ver con la mediación o lo inmediato. Es neutro.
- 14** Lo imposible es pequeño, imperceptible; el más desapercibido de los acontecimientos.

Quando retorne
Oh, Penélope!
Não serei eu
Não serás tu.
Seremos
Será
O outro que murmura
a voz de tudo o que ama.

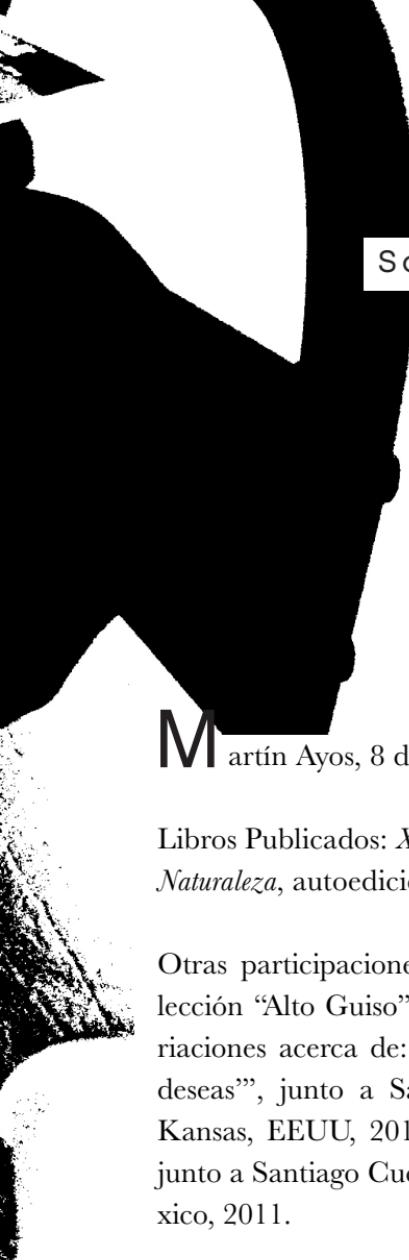


Cuando retorno
¡oh, Penélope!
no seré yo
no serás tú.

Seremos
será
lo otro que murmura
la voz de todo lo que ama.







Sobre el autor

Martín Ayos, 8 de agosto de 1971.

Libros Publicados: *X*, Ediciones Estigia 1999-2000; *Caos o Naturaleza*, autoedición 2011.

Otras participaciones: Homenaje a Pedro Chappa, Colección “Alto Guiso”, Editorial Leviatán, 2017. “Siete variaciones acerca de: ‘No siempre puedes obtener lo que deseas’”, junto a Santiago Cucullu; Salina Art Center, Kansas, EEUU, 2010-2011. “En la bruma de lavanda”, junto a Santiago Cucullu; Galería Labor, México DF, México, 2011.

<http://www.martinayos.wordpress.com>

martin.ayos@gmail.com

Marzo 2018
Impreso en Buenos Aires,

Buenos Aires Poetry
www.buenosairespoetry.com

